

RECADO DE PARIS

1232 RUBEM BRAGA

PARIS, julho — Seis meses depois de sua morte, Antoine de Saint-Exupéry parece ir crescendo para os franceses. Gallimard publica suas obras completas. Aparecem livros sobre sua vida e sua arte. Um grupo de intelectuais faz agora um movimento para que seja dado o nome desse "piloto de guerra", tombado em serviço, a um aeroporto da França. Homens da esquerda e da direita se associam para exaltar o escritor e o herói.

"Le Figaro Littéraire" publica, em seu último número, algumas cartas ineditas de Saint-Ex (é assim que seus amigos franceses falam dele). São cartas escritas em 1927 (ele tinha 27 anos) a uma moça a quem o ligava uma grande amizade. O aviador estava na fase heroica e triste da linha do Sahara — essa vida que ele conta em seus livros, cheia de perigos, desconforto e aborrecimentos.

São comoventes essas cartas. Ele fala da saudade que sente da poltrona, do bom fogo e das longas conversas da casa de sua amiga. Uma carta vem de Villa-Cisneros, um forte perdido na costa deserta, onde "o mar faz um barulho de estrada de ferro".

"Cacei leões na Mauritania. Feri um. Isso me deu uma alegria livreca; mas no fundo tudo se passou como se tratasse de um coelho. O leão, fazendo tudo ao contrario do regulamento, não me saltou em cima. Foi-se embora aborrecido."

Outra carta é de Cab Juby, onde é preciso ir a 2.000 quilômetros ao sul para achar uma cidade, ou mesmo um bistrô, ou a 1.000 quilômetros para o norte. Chefe do posto aereo, ele experimenta os aviões que vão partir; e olha os que partem sobre o territorio dos mouros rebeldes "como uma galinha mãe que chocou uns patinhos e os vê atravessar um açude". Além disso, a aflição de esperar; um minuto de atraso faz pensar em descida forçada, terreno perigoso, ou coisa pior.

"Revisto-me de uma alma de cão Terra Nova; preparo-me para grandes devotamentos com uma certa vaidade; mas um zumbido distante me anuncia que ele vem, me anuncia que a vida é mais simples; que o romantismo está fora de tempo e que a bela alma de que eu me revestira era um pouco ridicula." "Tenho pena de minha vida monacal." Em outra carta fala da Espanha, uma Espanha que ele sobrevoa mas não tem tempo de conhecer: "Granada? — E' um bistrô onde se come mal. Alicante? — E' a dona de nossa pensão, Pepita. Malaga? — E' um terreno plano; eis tudo o que conheço de Malaga." Conta sua viagem para a America do Sul; confessa sua melancolia porque a moça sua amiga a quem escreve ficou noiva. "Estou extremamente triste de perder um pouco uma amiga. Todos meus amigos se casam, e depois já não é a mesma coisa." Uma outra carta, escrita de Buenos Aires ("não te falarei da Argentina, porque odeio este país. Odeio Buenos Aires; sinto-me extremamente infeliz por estar aqui.") ele se desculpa porque a amiga ficou zangada com sua carta de bordo, e toda a carta tem essa tristeza sem remédio que vem da incompreensão e da inutilidade das cartas. "Você faz mal em ficar zangada com minha carta. Foi uma carta de meia-noite, uma carta de bar, uma carta não muito real... Era um disco de vitrola. Era talvez um pouco idiota. Mas eu não tinha vontade de pensar coisas inteligentes. Você devia pensar que, quando se fala sem dizer nada, assim, ao acaso, é porque se está cheio de confiança. Essas são as verdadeiras cartas."

E fala das mocinhas de bordo, do velho comandante que não saltava nos portos, não lia, não jogava com os passageiros, "um camponês do mar" e só falava de uma coisa, só tinha amor por uma coisa: o Cruzeiro do Sul. "Quando enfim ele surgiu, o comandante o deu de presente às moças."

ultima Hora
6 Junho 1974

Um jornal
publico.

Saint-Exupéry.

20.2.50

239